



Diversidade:  
Diferentes,

não

Desiguais

**Denise Pereira**  
**(Organizadora)**

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.  
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>  |
| (RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO               |           |
| Vivian da Veiga Silva<br>Ana Maria Gomes  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905021</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>7</b>  |
| “LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO                            |           |
| Rafael Paulino Juliani<br>Rosemeire Aparecida Scopinho  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905022</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>16</b> |
| “BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA             |           |
| Alexandre Gaspari   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905023</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>23</b> |
| A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL |           |
| Ana Claudia Lopes Venga<br>Larissa Valim de Oliveira Farias                                       |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905024</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>36</b> |
| A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL                       |           |
| Ana Carla Menezes de Oliveira   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905025</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>47</b> |
| BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!  |           |
| Lorena Marinho Silva Aguiar   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905026</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>59</b> |
| CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO   |           |
| Cláudia Pereira Ferraz  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905027</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>81</b> |
| BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?                                       |           |
| Alexandra Sudário Galvão Queiroz<br>Maicon Salvino Nunes de Almeida<br>Celia Nonato               |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.9021905028</b>  |           |

**CAPÍTULO 9 ..... 88**

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

**DOI 10.22533/at.ed.9021905029**

**CAPÍTULO 10 ..... 94**

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

**DOI 10.22533/at.ed.90219050210**

**CAPÍTULO 11 ..... 106**

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.90219050211**

**CAPÍTULO 12 ..... 114**

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisia Silva Alves

**DOI 10.22533/at.ed.90219050212**

**CAPÍTULO 13 ..... 121**

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

**DOI 10.22533/at.ed.90219050213**

**CAPÍTULO 14 ..... 136**

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

**DOI 10.22533/at.ed.90219050214**

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....   | <b>151</b> |
| FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS  |            |
| Dejeane de Oliveira Silva  |            |
| Mirian Santos Paiva  |            |
| Edméia de Almeida Cardoso Coelho   |            |
| Fernanda Matheus Estrela   |            |
| Raiane Moreira Coutinho da Cruz  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050215</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....   | <b>162</b> |
| GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS                        |            |
| Andrea Geraldí Sasso   |            |
| Fabiane Freire França  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050216</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....   | <b>173</b> |
| INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES |            |
| Lívy Ramos Sales Mendes de Barros  |            |
| Wanessa Oliveira Silva   |            |
| Deyvid Braga Ferreira  |            |
| José Humberto Silva Filho  |            |
| Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050217</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....   | <b>186</b> |
| MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS  |            |
| Lycia Rinco Borges Procópio  |            |
| Jarbene de Oliveira Silva Valença  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050218</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....   | <b>194</b> |
| O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS   |            |
| Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050219</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....   | <b>201</b> |
| O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO   |            |
| Lissa Furtado Viana  |            |
| Emannuely Cabral de Figueiredo   |            |
| Otávio Evangelista Cruz  |            |
| Raíssa Feitosa Soares  |            |
| Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050220</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 21</b> .....   | <b>210</b> |
| PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS   |            |
| Izabel Cristina Oliveira Martins   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.90219050221</b>  |            |

**CAPÍTULO 22 ..... 221**

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz  
Tânia Moura Benevides

**DOI 10.22533/at.ed.90219050222**

**CAPÍTULO 23 ..... 231**

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho  
Dalvanira Elias Camelo

**DOI 10.22533/at.ed.90219050223**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 237**



## OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

### Francisco de Souza Lima Filho

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA  
Sobral – Ceará

### Dalvanira Elias Camelo

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA  
Sobral – Ceará

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a tomada de atitude e o não silenciar das prostitutas dos cabarés de Ipu, no interior do Ceará, durante as de 1960 à 1980, na luta contra o patriarcalismo e o machismo, fortemente notados na sociedade da época. Utilizando os relatos das meretrizes, dos frequentadores e de pesquisadores, apontando detalhes das vidas das mulheres trabalhadoras do sexo, como as motivações que levaram ao ingresso e à saída das meretrizes do mercado sexual, além de entender as relações sociais entre as mulheres públicas e os indivíduos da sociedade de bem. Empregando o método de pesquisa qualitativa, e de cunho exploratório, apoiamos nossas ideias em textos, mas principalmente, nos relatos das próprias prostitutas, dos frequentadores dos cabarés, historiadores e policiais que exerceram sua função durante o recorte temporal estudado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostitutas, Gênero, cabarés, Ipu-CE.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the taking of attitude and unmuting the prostitutes of the cabarets of Ipu, in the state of Ceará, during the 1960 to 1980, in the fight against patriarchy and machismo, strongly noted in society at the time. Using the reports of harlots, the regulars and researchers pointing to details of the lives of women sex workers, as the motivations that led to the entrance and exit of prostitutes of the sexual market, in addition to understanding social relations among women and individuals of society well. Employing the method of qualitative research, and exploratory nature, we support our ideas in texts, but mainly in the accounts of prostitutes, of the regulars the cabarets, historians and polices who exercised your function during the studied period.

**KEYWORDS:** Prostitutes, Gender, Cabaret, Ipu-CE.

### 1 | INTRODUÇÃO

As razões que levaram à escolha do tema apresentado neste artigo, são oriundas principalmente de um sentimento assaz, insueto e feroz que os autores carregam em seus motores cardíacos, pela pesquisa de campo, pelo contato cara-a-cara com os personagens

centrais da história, no caso as prostitutas e os frequentadores dos cabarés, além do anseio e ambição de mostrar a luta por vez e a voz das prostitutas numa sociedade essencialmente preconceituosa, machista e patriarcal, onde “ser rapariga era a pior coisa que existia”, como diz Dona Chica, uma das ex-prostitutas entrevistadas. Escolhemos trabalhar com este recorte temporal, pois é neste período que o cabaré do Chico do Grude nasce, chega ao seu apogeu e começa a findar-se.

Pretendemos com esta pesquisa, analisar a tentativa de ter vez e a voz das putas dos cabarés ipuenses, das décadas de 1960 a 1980, apontando as situações, experiências e emoções vividas nestes locais. Almejamos também, identificar as motivações que levaram essas mulheres à fazerem sexo em troca de dinheiro. Outro objetivo desta pesquisa é tentar compreender como era a vida e o cotidiano de uma trabalhadora do mercado sexual, além de tentar entender a relação prostituta-sociedade, e o impacto da contiguidade desses mundos no convívio e nas relações interpessoais, sentimentais e afetivas do todo social.

O debate que levantamos neste artigo supera as imagens de vítimas, subordinadas e coitadinhas, normalmente empregadas as mulheres que fazem parte do mundo do comércio sexual, mostramos que apesar da sexualidade ser, para MACKINNON, (*apud* RIBEIRO, 2015, p. 19), uma construção social masculina para subjugação feminina, ser prostituta e se dizer prostituta era, acima de tudo, um símbolo de autonomia e liberdade feminina, diante do controle patriarcal e machista da sociedade da época.

A utilização de termos como “puta” e “rapariga” para nos referirmos às prostitutas justifica-se não por quisermos chamá-las desta forma, mas sim, por se tratar de expressões utilizadas por elas mesmas para referirem a si próprias.

## 2 | METODOLOGIA

Empregando o método da pesquisa qualitativo, com um olhar exploratório, buscamos o levantamento de bibliográfico sobre o tema em discussão, e fomos à campo na tentativa de diálogo cara-a-cara com os personagens centrais do comércio sexual em Ipu, nas décadas em estudo, as raparigas e os frequentadores das casas de prostituição.

O cruzamento dos conceitos discutidos pelos autores, como o conceito prostituição voluntária, discutido por Ribeiro (2015), ou o empoderamento, apresentado por Barros (2009) e Farias Filho (2015), com as narrações dos entrevistados, sobretudo das raparigas, nos permitiu uma aproximação com a realidade do mundo do comércio sexual, e das trabalhadoras do sexo, mostrando que elas não eram apenas objetos sexuais para satisfação dos desejos sexuais masculinos, mas sim, atoras centrais de suas vidas e de suas histórias.

### 3 | DESENVOLVIMENTO

Ipu despontava-se das outras cidades da região desde o início do século XX, e esse destaque se deu principalmente pela implantação da estrada de ferro, que tinha como parada final o município. Com a chegada dos trens, veio também o desenvolvimento e o crescimento do comércio de produtos agrícolas, e também o comércio do sexo.

Com o desenvolvimento comercial da cidade, começou-se a notar uma tentativa de transformação nos papéis sociais e morais dos indivíduos, em especial das mulheres, sobretudo as “de família”, já que estas não se prendiam mais às paredes internas de seus lares, já queriam mais. No entanto, o juízo oriundo o patriarcalismo, apoiando-se principalmente no discurso da moral da “mulher-mãe”, não permitia que essa tentativa de empoderamento feminino se fizesse por completo. Como diz Farias Filho (2015, pág. 23):

Embora se quisesse viver de outra forma, como nos grandes centros, os limites impostos a isso eram de ordens diversas. Se de um lado, era aceito e se buscava incorporar a mulher aos espaços sociais, cobrando dela uma postura respeitável, uma desenvoltura, elegância e uma educação esperada, de outro lado, cobrava-se também o seu papel para a maternidade.

A cultura da imposição da opinião masculina sobre as opiniões femininas, podiam ser percebidos por todos os lados da sociedade, desde as atividades empregadas à ambos os gêneros perante a sociedade, até as formas de relacionar-se afetiva e sexualmente. Para Mackinnon (apud RIBEIRO, 2015, p. 19), o uso da sexualidade para a subjugação feminina é uma construção social do poder masculino, e a principal fonte de dominação dos homens sobre as mulheres. Neste sentido, para Ribeiro (2015, p. 20), “[...] a prostituição seria uma forma de legitimar essa dominação, pois a mulher objetifica seu corpo para o desejo masculino”.

Mas porque essas mulheres ingressavam no mundo do mercado sexual? Quando questionada sobre as motivações que à levaram para a vida no cabaré, Dona Chica responde:

Era a necessidade que fazia a gente fazer isso. Neste tempo, os pais da gente pobres, a gente passava necessidade e vinha pro (sic) cabaré se prostituir atrás de alguma coisa, até de comida, porque no meu tempo os pais da gente pobre, não tinham nem comida pra dar a gente. Nem comida pra dar a gente eles num tinham!

Ela ainda completa:

-Neste tempo a gente só queria os homens era pelo dinheiro. Podia ser quem quer que fosse, tendo dinheiro tava (sic) bom. [...] ninguém queria homem de graça não, [...] era a bunda no chão e o dinheiro na mão. [...] E queria ver revolta, não saísse dinheiro.

Durante a entrevista, a ex-prostituta nos falou ainda que ser puta não era a

única forma de conseguir sobreviver, porém era mais rentável que trabalhar em outras atividades. “Cresci nas casa alheia, trabalhado que só jumento pra ganhar um prato de comida, aí a gente vinha pra cá [...] atrás de roupa, calçado, que ninguém tinha nada”.

Ela nos confessou que a vida de mulher pública, mesmo com todos os infortúnios aos quais eram submetidas, era divertida, pois tinham liberdade de poder *beber, dançar e brincar*, e ainda ganhavam dinheiro para isso. Desconstruindo a ideia de ser sempre desafortunado e infeliz, Dona Chica faz uso do verbo “brincar” para se referir ao trabalho sexual. Nota-se então uma liberdade sexual, que apesar de julgar e criminalizar as prostitutas, também atingia às outras mulheres, as “mulheres de bem”, uma vez que as privava do desfrute dos prazeres sexuais.

### 3.1 Na sociedade

Como já citado anteriormente, as mulheres de família, já frequentavam os centros comerciais da cidade, porém o contato destas com as prostitutas, era visto pelos homens como um fator desvirtuador da integridade moral das “senhoras e senhoritas direitas”. A medida pela sociedade adotada para evitar este convívio, foi a limitação dos horários de frequência das raparigas nestes centros.

Foi estabelecido para as prostitutas, que só poderiam permanecer no centro da cidade até as 9 horas da manhã, pois a partir deste horário, as mulheres de bem iriam para o centro fazer suas feiras. Porém não foram raros os casos de desobediência dessa norma. Segundo as prostitutas, essa inobediência tinha motivos. Dona Sergina nos relatou que em um determinado dia estava no centro

[...] fazendo as compras quando chegou o Ten. Atalana

**Ten. Atalana** – Já é nove horas!

**D. Sergina** – E eu sou relógio para andar por hora? Eu vim fazer minhas compras e só vou quando terminar de fazer minhas compras é que eu vou pra casa.

**Ten. Atalana** – Mas é a ordem. **D. Sergina** – Vá dar ordem aos bêbados que andam aí no meio da rua sem fazer nada, rapaz!

Observamos como a polícia agia para o cumprimento da ordem, que segundo Sargento Eusébio, um policial militar aposentado que foi entrevistado, era uma determinação legal. Contudo, ao mesmo tempo, vemos que as raparigas não aceitavam passivamente o que era estabelecido, o que gerou muitos conflitos e prisões.

### 3.2 “Eu vou tirar você desse lugar”

A utilização do título da canção de Odair José, *Eu vou tirar você desse lugar*, representa um dos principais meios para o fundamento da carreira como prostituta. Como conta Dona Sergina, o mundo que as condenava era o mesmo que lhes abria portas para uma vida séria. Ela relata ainda que a maioria das que saíam dos cabarés assumiam o papel de dona de casa, esposa e mãe, e que não foram raros os casos de

usuários que levavam aquelas mulheres para seus lares, quando solteiros, ou quando casados, deixavam suas antigas esposas para viver com seus novos (ou nem tão novos assim) amores.

## 4 | CONCLUSÃO

Concluimos então, que as ideias de vítima, subordinada e submissa, normalmente empregadas às prostitutas, não traduziam realidade das mesmas. Entendendo a tentativa masculina de controle social, e a significação da sexualidade como fator de submissão, vemos que as raparigas não se deixava ser comandadas, elas lutavam por vez e voz.

A exploração oriunda das outras atividades, sujeitava as mulheres à trabalhos excessivos e demasiados pesados e as recompensavam com ordenados bem inferiores ao que deveriam, ou, como cita Dona Chica, com um “prato de comida”. Essa exploração excessiva, cometia às mulheres ao trabalho sexual, pois a vida de trabalhadora do sexo mostrava-se mais rendosa e vantajosa na busca por melhores condições de sobrevivência.

## FONTES ORAIS

**Antonio Iramar Miranda Barros.** Historiador e professor de história, com grau de Mestre pela Universidade Estadual do Ceará, ipuense. Entrevista realizada em julho de 2015.

**Francisco Alves Euzébio.** Policial aposentado, com mais de 40 anos de profissão, aposentado com a graduação de sargento, (mora atualmente em Ipueiras-CE, a 28 km de Ipu). Entrevista realizada em setembro de 2015.

**Sergina Alves Pinto.** Ex-prostituta e ex-proprietária de casa de meretrício. Entrevista realizada em setembro de 2015.

**Francisca Alves Martins.** Ex-prostituta e ex-proprietária de casa de meretrício, residente ainda no local em que se localizava o Cabaré do Chico do Grude. Entrevista realizada em outubro de 2015.

## FONTES AUDIOVISUAIS

**O MERETRÍCIO Ipuense.** Produção de Dalvanira Elias Camelo; Francisco de Souza Lima Filho; Lucas Martins Araújo. Sobral, LABOME. 2015. 1 DVD.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUM Itaú Cultura. Odair José, proibido e popular. Disponível em: <<http://albumitaucultural.org.br/radios/odair-jose/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. **A Serpente Domada:** um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício. Fortaleza, UFC, 1983.

BARROS, Antonio Iramar Miranda. **Ipu nos trilhos do Meretrício:** intelectualidade e controle numa sociedade em formação (194-1930). 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de

História. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. Duas faces: a prostituta e a mulher ideal no início do século XX – o caso de Ipu. In: FARIAS FILHO, Antonio Vitorino; BARROS, Antonio Iramar Miranda (org.). **Nas trilhas do Sertão**: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará. v2. Sobral, CE: Sertão Cult, 2015.

RIBEIRO, Fernanda Maria Vieira. É possível consentir no mercado do sexo? O difícil diálogo entre feministas e trabalhadoras do sexo. **REIA**, Recife, v. 2, n. 2, p. 17-29, jul./dez. 2015.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Denise Pereira** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE). Coordenadora das Pós Graduações: MBA em Logística e Supply Chain; MBA em Gestão Estratégica de Pessoas; MBA em Auditoria, Finanças e Controladoria; MBA em Comunicação Empresarial; MBA em Gestão Empresarial. Experiência nas disciplinas de Pós Graduação em: Metodologia de pesquisa, Artigo Científico, Responsabilidade Social, Metodologia do Ensino Superior.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-090-2

